

HABITANDO EM ALTO ESTILO:**UM OLHAR ETNOGRÁFICO PARA AS CRIANÇAS DE VILAS DO ATLÂNTICO**Pedro Almeida Silva¹

Resumo: Este artigo elabora uma discussão sobre o desenvolvimento da percepção e imaginação espacial das crianças, a partir desta discussão teórica, trago relatos metodológicos e etnográficos sobre uma pesquisa com crianças do bairro de Vilas do Atlântico em Lauro de Freitas – Ba. A partir de uma visão antropológica urbana imersa na cultura da infância é que este trabalho se realiza. Logo, a incursão teórica inicial, é de cunho interdisciplinar, perpassando pela teoria psicogenética de Piaget (1993), pela proxêmica de Hall (1986) e a visão aterrada de Ingold (2015), alicerces para o desenvolvimento da discussão com o material empírico apresentado. Os interlocutores da pesquisa, as crianças que habitam Vilas, foram submetidos a algumas atividades lúdico interpretativas que funcionaram como ferramenta essencial para o trabalho etnográfico urbano com crianças. Além de apresentar a importância e instrumentalização das atividades lúdico interpretativas, apresentamos um pouco da realidade deste recorte cultural característico que é o modo de habitar o espaço urbano das crianças de Vilas do Atlântico, recorte fortemente marcado por signos do lazer, alto padrão e segurança. O material etnográfico apresentado, ao contrário do que constantemente se observa nas descrições antropológicas urbanas com crianças, não se limita à observação das práticas e ações dos sujeitos, havendo também um aprofundamento nos significados dados pelos pequenos sujeitos ao espaço urbano habitado.

Palavras-chave: percepção, imaginação, urbano, crianças, Vilas do Atlântico.

Este texto intenta discutir questões relacionadas à percepção e imaginação do espaço urbano pelas crianças. O que motiva tal reflexão é a pesquisa etnográfica urbana que venho realizando no bairro de Vilas do Atlântico, em Lauro de Freitas-Ba (Região Metropolitana de Salvador). A pesquisa busca compreender a forma de habitar das crianças do bairro a partir delas mesmas, levando em conta os pontos de vista e opiniões das crianças e encarando-as como sujeitos ativos e criativos. Esta percepção das crianças leva-nos a entendê-las como produtoras e ressignificadoras de cultura. A abordagem proposta, se encontra na interseção entre a antropologia da criança e antropologia do habitar, pois têm como objeto compreender a forma de habitar das crianças de um bairro de classe alta a partir dos significados empregados por elas mesmas. O que requer esforço enquanto pesquisador no estabelecimento de laços de

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFBA. Faz parte do grupo de pesquisa sobre Antropologia do Habitar, da FFCH- UFBA. E-mail: almeida_ps@hotmail.com

confiança com os interlocutores, para que assim seja possível acessar o ponto de vista e a compreensão que as crianças têm a respeito do espaço urbano que elas habitam.

Entendo o habitar como um conjunto de práticas e representações que permitem um sujeito se colocar dentro da ordem espaço-temporal, ao mesmo tempo em que ele se reconhece e se estabelece neste espaço. Neste sentido, a forma com que as crianças de Vilas do Atlântico se relacionam com os espaços públicos e privados é essencial para a pesquisa. Este entendimento do habitar lava-nos a um olhar direcionado ao habitar que não se limita às práticas dos sujeitos que habitam este espaço, pois as representações que o espaço ocupa no imaginário dos sujeitos influenciam diretamente estas práticas, e vice e versa, em uma constante relação dialética entre o imaginar e o fazer. Então, para o desenvolvimento de uma boa etnografia há a necessidade de investir em dois níveis do olhar etnográfico, um para as práticas e ações desempenhadas pelo sujeito no espaço estudado e outro para os significados deste espaço para os sujeitos investigados.

Constantemente é observado no trabalho etnográfico urbano um maior investimento descritivo e de reflexão sobre as práticas dos sujeitos, principalmente quando os sujeitos em questão são crianças. Pois estabelecer diálogos sérios em busca de significados com esta faixa etária demanda disciplina e sensibilidades específicas. Dado esta observação, este texto busca discutir a relação criança e espaço urbano a luz do trabalho que realizei com crianças de Vilas do Atlântico. A discussão proposta é dividida em duas partes, uma primeira que trata de forma teórico-conceitual o desenvolvimento da percepção e imaginação do espaço pelas crianças. A segunda parte, propõe uma discussão metodológica acerca do fazer etnográfico no contexto da infância urbana e os resultados de interações guiadas com crianças de Vilas do Atlântico. Estas interações tiveram como fim compreender a visão delas da cidade de Lauro de Freitas.

A PERCEPÇÃO E IMAGINAÇÃO DO ESPAÇO PELA CRIANÇA

Na busca da compreensão do habitar, falar sobre espaço é principalmente falar sobre o seu revelar-se ao homem, como o espaço se apresenta para o homem e como este homem o apreende e o constrói em sua mente. Então, a forma de percepção e a consequente imaginação do espaço, é fundamental no processo de interação entre qualquer sujeito e o espaço habitado.

Através de diversas inter-relações estabelecidas entre corpo e mente, entendido como “mundo interno” e “mundo externo”, é que a percepção humana atua na

apreensão dos sentidos. Com o corpo, atuamos no “mundo externo”, e através dele as coisas chegam ao “mundo interno”: lugar em que construímos e guardamos as diversas representações do mundo, que se formam através de imagens, sons, texturas, cheiros, experiências cenestésicas e os compartilhamentos e trocas sociais. Porém, não apenas por intermédio das capacidades sensoriais que desenvolvemos nossa capacidade de compreensão do mundo, o imaginário e os movimentos também são essenciais nesse processo de compreensão do ambiente que nos envolve, principalmente em nossos primeiros dias de vida, quando ainda não temos domínio dos nossos sentidos e a única forma de perceber o espaço é através dos movimentos do corpo como um todo.

As primeiras percepções do espaço se dão em um momento da vida em que ainda não reconhecemos nem mesmo as diferenças entre nós e o ambiente, assim, o primeiro espaço que uma criança vivencia é “postural e orgânico” (PACHECO; DE VASCONCELOS, 2010: 4). Em outras palavras, entre os 0-2 anos de idade o corpo é o movimento da criança. De acordo com Macedo (1991: 124) é neste primeiro estágio da vida, a partir de reflexos neurológicos básicos, que o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio, e é marcado pela construção prática das noções de objeto, espaço, causalidade e tempo. Assim, as primeiras noções de espaço e tempo são construídas pela ação, configurando assim, uma inteligência essencialmente prática.

É desta forma, que os esquemas vão pouco a pouco diferenciando-se e integrando-se, no mesmo tempo em que o sujeito vai se separando dos objetos, podendo por isso mesmo interagir com eles de forma mais complexa. Somente depois de um determinado tempo, com a evolução cognitiva e conseqüentemente perceptiva é que a criança passa a diferenciar outros corpos além do seu. Neste momento elas passam a estabelecer relações como entre longe e perto, maior e menor, na frente e atrás, igual e diferente, assim como também apenas após um determinado tempo é que as crianças começam a exercer funções semióticas, aquelas responsáveis pela imaginação. “A função semiótica começa pela manipulação imitativa do objeto e prossegue na imitação interior ou diferida (imagem mental), na ausência do objeto, pois a função semiótica é o que permite o pensamento”. (MACEDO, 1991: 102).

Apenas após o domínio destas mais simples habilidades perceptivas e semióticas que há a conquista de um espaço perspectivo tomado pelos transversamentos das estruturas e esquemas que pervertem a materialidade concreta para adentrar em

estratégias do signo nas suas nuances lógico-matemáticas (PACHECO; DE VASCONCELOS, 2010, p. 4). No livro *A Representação do Espaço na Criança*, Piaget e Inhelder (1993) explicam como se dão estas mudanças gradativas da percepção do espaço pela criança. Para os autores, a criança desenvolve suas habilidades de percepção do espaço em três estágios, que demarcam o tipo de relação que a criança é capaz de estipular entre ela mesma e o espaço. Estas relações se dão através das diferentes capacidades cognitivas e níveis da habilidade perceptível, são eles, a das relações topológicas, projetivas e euclidianas. A partir destes autores, pode-se afirmar que o espaço topológico, serve como base para a construção das relações projetivas e euclidianas, como se uma fosse pré-requisito para que atinja-se a próxima.

De acordo com Piaget e Inhelder (1997) é apenas no período de domínio do espaço euclidiano que surgem as ideias de vertical e horizontal, medidas, proporção, perspectiva, e etc. Este período para os autores começam a se desenvolver em torno dos 7 anos, e em torno dos 12 anos o desenvolvimento das relações euclidianas costuma se encerrar, chegando ao nível percepto-cognitivo ao qual o sujeito se manterá por boa parte de sua vida.

Desta forma, observa-se que de acordo com Piaget, os 12 primeiros anos da vida de um indivíduo, constitui-se como intervalo de desenvolvimento das habilidades perceptivas em consequência do desenvolvimento das habilidades cognitivas. Logo, é com o desenvolvimento das relações euclidianas, que um sujeito terá muito bem desenvolvido uma gama de artifícios perceptivos, que envolve diversas habilidades sensoriais, e que equivale-se à forma de perceber o mundo do sujeito adulto, marcado por um pensamento “hipotético-dedutivo” ou “lógico-matemático”.

Esta lógica construtivista, construída a partir da Epistemologia Genética ou Teoria Psicogenética de Piaget, propõe que o indivíduo não é um mero produto do ambiente nem um simples resultado de suas disposições internas, mas sim, uma construção própria que vai se produzindo, dia a dia, como resultado da interação entre esses dois fatores. Para Piaget o comportamento dos seres vivos não é inato, nem resultado de condicionamentos. Para ele o comportamento é construído numa interação entre o meio e o indivíduo. Esta teoria epistemológica é caracterizada como uma visão interacionista do desenvolvimento. Interações simbólicas estabelecidas entre sujeito e formas materiais do espaço, assim como entre sujeito e ambiente social. Sendo que deve-se levar em conta que as formas materiais dos objetos que constituem o espaço são

ao mesmo tempo exatas e relativas dada sua inundação de significados específicos provindos das relações socioculturais, que só se tornam relevantes a partir da aquisição das habilidades semióticas. A inteligência do indivíduo, como adaptação a situações novas, portanto, está relacionada com a complexidade desta interação do indivíduo com o meio, sendo impossível dissociar o desenvolvimento das habilidades cognitivas referentes à inteligência daquelas habilidades relacionadas à percepção do espaço.

O antropólogo Edward Hall e sua abordagem proxêmica² tem muito a contribuir com o tema de percepção e imaginação do espaço. A partir da proxêmica, o autor afirma que “a experiência espacial é multissensorial” (HALL, 1989: 11). Então, a compreensão das relações que se estipulam entre homem e espaço requerem um olhar ao sensório e a complexidade que este sistema orgânico representa.

Se o espaço representa um “mundo externo” e os processos mentais a respeito dele um “mundo interno”, somos constantes agentes receptores dos estímulos sensoriais deste mundo externo. Por isso, Hall prefere chamar nossos órgãos sensoriais de canais receptores, divididos em receptores à distância e receptores imediatos. Os receptores à distância são os órgãos que percebem objetos afastados, são eles, os olhos, ouvidos e nariz. Já os receptores imediatos são aqueles que percebem o mundo próximo, são eles, o tato, sensações da pele, mucosas e músculos.

Os olhos, são os órgãos perceptivos ou sensoriais mais complexos do homem, e ao longo da nossa história passamos a supervalorizar a visão e a imagem diante das demais formas perceptivas. “A exaltação da visão é resultado de um longo processo histórico no qual os estímulos recebidos pela visão gradativamente ganharam precedência sobre os outros sentidos, atingindo o ponto em que o visual se sobrepõe ao corpo como um todo e assume o seu papel” (LEFEBVRE, 1991, p. 286). Ao falar do processo de transmissão das imagens do espaço para o nosso “mundo interior”. É importante diferenciar as imagens mentais das imagens captadas pela nossa visão. Sabemos que a visão é a percepção espacial construída de forma mais complexa pelo

² Embebido no culturalismo norte-americano, o antropólogo Edward Hall, no livro *A dimensão oculta* (1989), elucida seu conceito de proxêmica. Conceito criado pelo autor entre as décadas de 1950 e 1960, para referir-se ao conjunto de observações e teorias acerca do uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico, o que abrange discussões a respeito das distâncias físicas que as pessoas estabelecem espontaneamente entre si no convívio social, a forma como as pessoas se relacionam com o ambiente construído e relações entre ambiente e o comportamento humano.

nosso corpo, cada parte do olho humano é responsável pela apreensão de uma parte específica da imagem que representa o espaço. Porém, é importante perceber que a forma como a mente interpreta essas informações do espaço, é peculiar e transcende a fisiologia do olho. Em qualquer discussão sobre a visão, é necessário distinguir entre a imagem retiniana e a imagem percebida pelo homem. Essa diferença entre dois tipos de visão é exatamente o que Gibson (1979) chamou de “campo visual” e “mundo visual” respectivamente. Segundo Hall (1989: 52), pessoas criadas em diferentes culturas aprendem ainda quando criança, sem mesmo saber que o fazem, a eliminar um tipo de informação, enquanto prestam bastante atenção a outra. E uma vez estabelecidos, esses padrões perceptivos parecem permanecer inteiramente estáveis durante a vida.

Independente da discussão que envolve a cultura como definidora de padrões perceptivos, observa-se que a sobreposição do sistema perceptivo visual sobre os demais complexos sensoriais é recorrentemente problematizada por autores que buscam compreender as relações que se estipulam entre homem e espaço. Em crítica a essa tradição ocidental que consistentemente vem classificado o sentido da visão acima dos demais, Ingold (2015: 95) afirma que uma abordagem mais literalmente aterrada da percepção deveria ajudar a restaurar o lugar adequado do tato no equilíbrio dos sentidos. Pois “é certamente através dos pés, em contato com o chão, embora muitas vezes mediados pelo calçado, que estamos mais fundamental e continuamente ‘em contato’ com o nosso entorno”. É claro que as questões não são assim tão simples, pois o sentido do tato, diferentemente dos outros sentidos, não é encontrado em uma região específica do corpo, e sim em todas as regiões da pele. A nossa pele é o maior órgão do corpo humano, nos reveste e permite-nos sentir o espaço através das mãos, pés, rosto, braços, costas e literalmente, todo o nosso corpo.

Ingold (2015) e Piaget (1997) posicionam os movimentos e locomoção como ações importantes para a internalização do espaço. E de forma semelhante, Certeau (2003: 204-205), observa como os movimentos efetuados por um sujeito são preponderantes na construção das imagens, mapas e representações mentais, mas neste caso o movimento é entendido como percurso, mais semelhante a proposição do “caminho de observação” proposto por Gibson (1979).

Em busca de compreender melhor as representações do espaço na mente dos sujeitos, Michel de Certeau, no livro *A invenção do Cotidiano* (1998:204), alude o

trabalho de Linde e Labov (1975), o qual pôde observar que as representações do espaço raramente adquirem a forma de um “esquema” imagético representativo como, por exemplo, uma planta baixa. Segundo o estudo, apenas 3% dos descritores utilizavam dados relativos à organização do espaço como um mapa ou planta baixa (“ao lado da cozinha fica o quarto”). A grande maioria dos entrevistados empregou informações relativas a percursos ou ações (“você entra por uma porta e vira à direita”). A primeira forma de descrição do espaço - em planta baixa, esquema representativo - estaria baseada em uma compreensão visual, do ver (conhecimento da ordem dos lugares), enquanto a segunda se baseia no movimento, no ir e no fazer (ações espacializantes), ações realizadas com todo o corpo. O mapa ou imagem mental, ao possibilitar o domínio do indivíduo sobre os espaços que frequenta, demonstra como na percepção, o espaço é incorporado e internalizado através de ações e movimentos.

A partir desta compreensão, podemos dizer que habitamos os espaços em que nos movimentamos quotidianamente. Pois percebemos e internalizamos os espaços a partir dos movimentos que realizamos. Porém, não nos movimentamos em todos os espaços existentes, nos movimentamos ao longo do que Certeau (1998: 203-205) chamou de percurso, ou também podemos chamar de “trajeto” (MAGNANI, 1996: 43) ou “espaços de vida” (MARANDOLA, 2012: 97), que consiste em uma rota mais ou menos específica que percorremos quotidianamente. Diariamente realizamos trajetos: de casa para a escola, da escola para a natação, da natação para casa, de casa para o supermercado, do supermercado para a casa do amigo e etc. Cada indivíduo tem seus percursos diários, para aqueles mais ativos, este percurso pode transpassar dezenas de lugares, porém também existem aqueles que vivem em “isolamento” (HANNERZ, 2015: 279) e com isso preferem restringir suas trajetórias a pouquíssimos lugares. O que se torna relevante neste ponto, é perceber que habitamos os espaços em que nosso corpo se faz presente quotidianamente. E este habitar transborda o interior dos nossos lares, inundando ruas, calçadas, avenidas, parques, estabelecimentos privados e públicos da mais variada ordem.

A forma que percebemos e imaginamos estes espaços que habitamos está diretamente relacionada à forma como transitamos neles, ou seja, a nossa percepção do espaço depende das trajetórias que se estabelecem quotidianamente. Dependem não só das distancias percorridas, ângulos de visão e variação da incidência de luz, que de fato permitem perceber um mesmo lugar de formas diferentes, mas também do lugar social

que ocupamos ao longo de nossos percursos, o que inclui desde elementos estéticos da corporeidade do sujeito, o meio de transporte utilizado, o grupo em que se está inserido ou a falta deste, como também a atitude que é incorporada. Para este último, alguns antropólogos adotam o termo “papel”, um papel social que é assumido pelo sujeito a depender do contexto que ele está. Todos estes fatores em conjunto, permitem que imaginemos o bairro ou cidade que habitamos de formas específicas.

PENSANDO A CIDADE PELO DESENHO DAS CRIANÇAS DE VILAS DO ATLÂNTICO

O Atlântico Norte é uma região do município de Lauro de Freitas composto pelos bairros de Vilas do Atlântico, Miragem, Ipitanga e Buraquinho. Em conjunto estes bairros concentram a maior parte da população mais abastada da cidade. Bem distante da realidade social e estrutural do restante de Lauro de Freitas, nestes bairros estão crianças que pensam e vivem a cidade de forma bem peculiar. Sabemos que o grande e recente desenvolvimento urbano desta área da cidade voltada para a classe média alta se deu a partir das relações dialéticas e de interdependências entre elas e as áreas mais carentes da cidade, como muito bem exposto por Patrícia Dias (2005) em sua tese sobre a recente construção da segregação sócio espacial no município de Lauro de Freitas. E por falta de espaço para um aprofundamento nas questões sócio históricas e geográficas da cidade, que reverberam nas manifestações sociais contemporâneas, onde inclui-se o espaço urbano segregado sócioespacialmente, não me alongarei neste tópico, para dar espaço à parte empírica do trabalho, mas ressalto que estas são questões fundantes para a construção do espaço estrutural e social de Vilas do Atlântico. E apenas dado a este complexo processo que o bairro se constituiu na referência de “alto estilo de vida”³ como é hoje reconhecida diante de outros bairros da região metropolitana de Salvador.

Esta percepção do bairro, enquanto espaço urbano que proporciona a qualidade de vida não encontrada nas áreas centrais da cidade, é dividida por boa parte dos responsáveis pelas crianças estudadas. Estes pais têm esta referência enquanto principal justificativa para a família se estabelecer na região do Atlântico Norte. A antropóloga Patrícia Patriota de Moura, no livro *Condomínios do Brasil Central* (2012), em especial

³ Forma como o pai do interlocutor de pesquisa João, 7 anos, descreve o modo de vida em Vilas do Atlântico. Informação colhida em entrevista realizada com os pais de João durante o estudo de caso. Entrevista realizada no dia 15/04/2017.

no capítulo *Urbanidades e estilo de vida* (pg. 24-45), mostra como as classes médias e altas brasileiras tendem a fugir dos grandes centros urbanos amparados pelo discurso de que neles há grande criminalidade, trânsito e stress constante, e os *suburbs* brasileiros ou condomínios horizontais, aparecem como solução para esta demanda. Isso não só é percebido no discurso dos pais entrevistados, como também aparecem explicitamente estampando nas propagandas das construtoras dos condomínios: alta qualidade de vida, rotina tranquila, *life style*, ampla área de lazer e esporte, proximidade do mar, proximidade do rio, da natureza, novas possibilidades de sociabilidade e relacionamento com o urbano... Todas essas benesses propiciadas pela experiência de viver nestes condomínios ou “suburbs”, como é o caso do Atlântico Norte, nasce e se estabelece na malha urbana da região metropolitana da capital baiana enquanto área destinada para as classes médias e altas que buscam uma vida mais pacata que a do centro de Salvador. Estes elementos que marcam a busca pela diferenciação social através da ideia de qualidade de vida e alto padrão não só estão estampados em propagandas, como também pode-se observar a força destes signos operando através dos nomes dos condomínios da região: Mar Onda Serena, Celebration Privelege, Atlântic Prime, Jardim do Atlântico, Top Vilas, Eco Vilas, Horto Vilas, Atlântic Ville Residence, Praia do Sol e etc.

Em busca de se aproximar da forma de habitar destes pequenos sujeitos que habitam a região, alguns trabalhos vêm sendo realizados com dois grupos focais dispostos em duas escolas particulares do bairro de Vilas do Atlântico: Os chamarei de colégio Metropolitano, que se refere a uma escola particular de cerca de dois mil alunos que atende a todos os seguimentos, da Educação Infantil ao Ensino Médio, e a escola Vila Londrina, que se refere a uma escola particular bem menor em número de alunos, voltada para o ensino de idiomas para crianças e adolescentes. As escolas, independentemente de seu tamanho, e se posicionam enquanto instituição estratégica para entrada do pesquisador no trabalho de campo, além dos motivos óbvios como a concentração de crianças, Alexandre Pereira (2010: 102) aponta que a escola funciona enquanto espaço onde as ações desempenhadas pelas crianças podem refletir características das vivências familiares. Porém, mesmo ciente desta possível transposição de valores, da casa para a escola, em paralelo ao trabalho com os dois grupos focais nas escolas, o qual trabalho com trinta e três crianças, oito de um grupo e vinte cinco do outro, desenvolvo estudos de caso etnográfico com quatro crianças, duas

de cada um dos grupos focais. As quatro crianças pesquisadas para o estudo de caso estudam e moram em Vilas a mais de 3 anos. Estas crianças encontram-se na mesma faixa etária: de 7 a 11 anos; e enquadram-se em classe social semelhante: média alta. Antes mesmo de se desenvolver um trabalho de acompanhamento das crianças em suas rotinas fora da escola, onde há destaque especial para a casa, a família e as diversas atividades extracurriculares que compõem a agenda destas crianças. Buscamos desenvolver um trabalho de compreensão da visão que as crianças, numa perspectiva mais abrangente, têm do bairro que habitam. Para isso, utilizamos como recurso de guia de interação as duas primeiras das seis atividades lúdico interpretativas que aplicamos com os interlocutores de pesquisa. O planejamento do trabalho com as crianças foi dividido em três momentos. O primeiro intentava se aproximar da visão que elas têm da cidade, o segundo busca se aproximar dos espaços que são ocupados pelas crianças ao longo de suas trajetórias cotidianas, assim como as atividades que são realizadas nestes, já a terceira parte, busca compreender a estrutura da rede de parentalidade que suporta o habitar destas crianças.

Todas as três etapas citadas, se deram com apoio das atividades lúdico-interpretativas, que são ferramentas eficientes para condução das interações entre pesquisador e interlocutores, quando estes são crianças. O uso destas atividades se posiciona como boa ferramenta de pesquisa principalmente por dois motivos: O primeiro é ter um guia para o desenvolvimento da conversa, pois sabemos que as crianças tendem a mudar o foco de atenção facilmente dado aos estímulos do ambiente, e a atividade centra a atenção no desenvolvimento da tarefa. O segundo motivo se relaciona a uma questão de estratégia, pois conseguir passar bastante tempo junto a crianças de classe alta com uma relação de aceitação tranquila com os pais e não estando exclusivamente em um ambiente escolar, não é fácil. A apresentação de um roteiro de atividades lúdico-interpretativas também ajuda na aceitação dos pais na participação da pesquisa e atribui um caráter de seriedade esperado pelos pais, que é dispensável em grande parte dos trabalhos de campo etnográfico, mas é necessário no caso em questão.

As atividades lúdico-interpretativas do planejamento de interação com as crianças que participam do estudo de caso etnográfico são as seguintes: a) **Desenho da cidade e da casa:** Em uma folha, dois desenhos. Em um lado desenha-se a cidade e no verso desenha-se a casa. Atividade seguida de conversa elucidativa sobre a casa e a cidade; b)

Maquete do bairro: Com materiais fornecidos pelo pesquisador. Todo o grupo focal se reúne para discutir o bairro, construí-lo em maquete e conversar sobre os diversos espaços do bairro e os usos dados a eles; c) **Foto elucidação:** Em uma semana de posse de uma câmera digital, carregando-a a todos os lugares possíveis, a criança de forma espontânea deve tirar fotos sobre o que lhe chama atenção nos lugares. Coisas boas ou coisas ruins, deve ser aquilo que ela julgue importante. Após a revelação das imagens há o momento de análise das fotos pelo pesquisador e o fotógrafo seguida de conversa elucidativa sobre estes lugares “importantes” de sua trajetória cotidiana, assim como proposto por Kim Rasmussem (2004); d) **Agenda semanal:** Em uma cartolina dividida pelos dias da semana, elenca-se em interação com a criança, as atividades comumente realizadas em cada um dos dias da semana, e assim, constrói-se de forma lúdica uma agenda semanal com todas as atividades cotidianas das crianças; e) **Mapa de trajetórias:** A partir dos espaços ocupados pela criança, apontados na agenda semanal, em uma cartolina cola-se (casinhas prontas levadas pelo pesquisador) e desenha-se os espaços frequentados pela criança. Após a delimitação dos espaços no mapa, inicia-se a construção dos percursos/trajetórias da criança, indicando como o realiza e quem a acompanha. f) **Lista espontânea de parentesco:** As listas espontâneas ou *spontaneous kinlists*, como sugere Louis Marcelin (1999) são desenvolvidas apenas através de um diálogo e algum recurso que salve as informações e a ordem de constituição da genealogia (gravador ou caderno de campo). “Ao nomear e listar os parentes, os sujeitos pesquisados explicitam suas próprias formulações a respeito daqueles que podem ser considerados como família ou parente. Através da lista, é possível entrar em um processo de reconstrução dos princípios inconscientes que condicionam as escolhas, as omissões, as ênfases em colocar determinado parente em uma linha específica em lugar de outra e etc.” (MARCELIN, 1999: 38-39). Esta lista funciona como suporte para adentrar a rede de parentalidade da criança, compreendendo quem exerce papéis de maior importância para ela, e como estes adultos se relacionam com a criança, logo a lista é um recurso de compreensão das influências intergeracionais do habitar da criança.

Vale lembrar que todas as seis atividades foram guias de interações e conversas com as crianças do estudo de caso, além delas outras ferramentas de pesquisa também foram utilizadas, como questionários semi-estruturados com os pais das crianças e observação participantes em ambientes públicos e privados onde as crianças se fazem presentes. Com as crianças que compuseram os dois grupos focais realizamos apenas as duas primeiras atividades, aquelas que buscavam se aproximar da imagem que a cidade

ocupava no imaginário das crianças, e é exatamente sobre o resultado destas atividades que nos debruçaremos a seguir.

As trinta e três crianças pesquisadas nos dois grupos focais, realizaram os três trabalhos propostos para a parte um da pesquisa: desenho da casa, desenho da cidade e construção da maquete do bairro de Vilas do Atlântico. O momento de interação inicial e o de desenvolvimento das obras, foram de grande importância para o resultado atingido, porém a parte fundamental de todo o processo, tanto na atividade do desenho quanto na da maquete foi o da conversa elucidativa. Durante essa conversa as crianças explicitam seus pontos de vista, os significados de elementos dos desenhos que por vezes passam despercebidos pelo pesquisador, assim como deixam a mostra os elementos da cidade que exercem maior influência em suas vidas.

Voltando-nos para as observações geradas pelas interações: Uma característica que aparece repetidas vezes nos desenhos, e que parece ser claro para as crianças é a complexidade do meio urbano. Essa complexidade é expressa pela grande quantidade de informações nos desenhos das cidades em contraponto ao desenho menos poluído das casas. As crianças reconhecem o grande número e a diversidade de habitações expressa pela existência de casas soltas de diversas cores e tamanhos, condomínios verticais e horizontais, assim como edificações de fins específicos e variados nos desenhos produzidos. Porém, as representações propostas pelas crianças, mesmo no momento que se pede para retratar toda a cidade de Lauro de Freitas, aparentemente se limita à área do Atlântico Norte, como se os demais bairros da cidade fossem inexistentes. Isso se constata tanto pelo reconhecimento dos tipos específico das edificações como pela presença de certos elementos mais marcantes deste recorte do espaço urbano que compôs o desenho e a maquete. Essa tendência a retratar apenas a região mais rica da cidade, está fortemente relacionada aos “percursos” ou “áreas de vida” ocupadas por essas crianças. Mesmo que elas estejam acostumadas a trafegar grandes distancias em meio ao tecido urbano, isto costuma se dar no conforto do carro dos pais, os longos trajetos tomados por elas costumam contemplar apenas as avenidas principais e as regiões nobres de Lauro de Freitas, Salvador e do Litoral Norte.

A afirmação de Certeau (1998: 204) de que a compreensão do espaço se faz por ações espacializantes, pode ser observada na recorrente representação da cidade nos desenhos a partir de vias sinuosas, característica das ruas de Vilas do Atlântico, que não tem ruas retas e possui uma formação quase que labiríntica, o que foi muito bem

representado em diversos desenhos. Dos trinta e três desenhos da cidade, apenas sete deles não apresentaram grande complexidade e/ou ruas labirínticas, por acaso em todos estes sete casos, a imagem do Shopping Center figurava algum lugar de centralidade, seja espacial ou lógica, isso não quer dizer que o shopping não figurava os demais desenhos, houveram outros casos onde o shopping estava presente, mas não como figura central. Não apenas nos desenhos, mas também no discurso das crianças foi evidenciado essa centralidade que o Shopping Center tem no “domínio da recreação” (HANNERZ, 2015:262), segundo as crianças, o Shopping é o lugar onde elas vão “todos os finais de semana”, como disse Alice (Uma das interlocutoras, de 9 anos de idade, numa conversa na escola Vila Londrina). Na fala das crianças é possível observar que ele é o lugar que concentra maior diversificação de ações prazerosas: passear, ir ao cinema, ir ao parque, comprar brinquedos novos, fazer lanches gostosos, comprar roupas e etc.. Não podemos esquecer que na construção destes significados, os responsáveis – dando acento especial aos pais e avós – têm extrema influência, seja em suas falas ou atitudes, o que estimula e decanta estes hábitos enquanto práticas e referências de lazer e prazer para estas crianças.

Através dos desenhos das crianças observa-se que os lugares de maior incidência de práticas prazerosas, além da casa, costumam ser aqueles onde eles estão acompanhados pelos pais. Nos desenhos em questão, além do Shopping, observa-se a praia como lugar de certa importância e certa recorrência nos desenhos. Na fala das crianças por mais que a praia não esteja em mesmo nível de centralidade e recorrência que a o Shopping, ela também se posiciona como importante ambiente de lazer. Apesar de ter casos como o da Luiza – 8 anos, interlocutora do colégio Metropolitano – que afirma não gostar da praia por causa da areia e do sol, há relatos como o da Francisca (8 anos, interlocutora do colégio Metropolitano) que afirma ir toda semana ao menos uma vez para a praia. Segundo Francisca, mesmo se a mãe dela não consegue leva-la a praia, ela sempre arranja alguma companhia/supervisor para leva-la, mas ela não fica sem ir, pois a praia de Vilas de Atlântico é o lugar favorito dela no mundo inteiro⁴.

Um ponto interessante quanto aos espaços pensados para o lazer destas crianças, é que as áreas públicas, com exceção da praia, não têm nenhuma importância no discurso ou nas obras das crianças. O bairro de Vilas do Atlântico, por mais que

⁴ Neste mesmo dia, Francisca compartilhou que já morou no Rio de Janeiro e em Brasília, além de já ter visitado os Estados Unidos e países da Europa. Informações gravadas na atividade lúdico interpretativa do desenho, no colégio metropolitano 05/04/2017.

composto por mais de trinta praças, presentes em todo o bairro, não teve as praças citadas ou representadas uma vez se quer nos desenhos e conversas elucidativas, o mesmo vale para a construção da maquete, onde as praças se quer foram citadas ou representadas. A invisibilidade das praças para as crianças nos aponta algo de extrema urgência: o espaço público urbano está subutilizado, o medo da violência urbana assassina a convivência em praças e calçadas por parte das classes mais altas. Crianças que moram a poucos metros de seus colégios ou algum de seus cursinhos extracurriculares não sabem o significado de usar seu aparato físico para deslocamento em meio urbano, todo o deslocamento é sempre protegido e supervisionado. As praças que por vezes são vizinhas imediatas das crianças, não são pensadas por elas enquanto espaços de lazer ou brincadeira, são simplesmente despercebidas, como se nem existissem.

O medo urbano e a constante busca por segurança é explícita ao analisar o desenho das crianças. Na comparação entre o desenho da casa e o da cidade em seu verso, as crianças levam alguns elementos que diferenciam a casa de sua moradia das demais edificações, e é triste perceber que estas características estão fortemente relacionadas ao aparato de segurança de suas moradias. A forma de diferenciar suas casas da do restante das casas do bairro, por mais que em um dos casos foi marcado pela rede onde Enzo (7 anos, interlocutor da Vila Londrina) gostava de “brincar e relaxar”, há enquanto artefato diferenciador, objetos como: “a grade do condomínio”, “a portaria do condomínio”, “o portão de entrada”, “o muro com espinhos” e etc... Por mais que estes elementos chamem a atenção por não terem sido esperados enquanto elementos de maior característica das moradias da criança, a clássica representação da família através de seus componentes principais (pai, mãe e irmãos) esteve presente em trinta e um dos trinta e três desenhos, o que evidencia a proposta de fusão entre o conceito de casa e família no imaginário destas crianças.

Um ponto curioso sobre os desenhos das crianças, foi que em apenas dois deles a escola foi representada. Ainda busco mais informações sobre esta falta de representação, mas nos chama atenção que o espaço ocupado por quase metade do dia das crianças não apareça enquanto parte da cidade e do bairro. De forma geral, as interações com as crianças mostraram que elas são capazes de falarem por si, e que suas sensações e impressões a respeito da cidade refletem a forma de habitar que é escolhida/imposta a elas. E que lançando mão de um trabalho etnográfico mais sistematicamente elaborado, conseguimos conquistar a confiança, estabelecer um laço e interagir com crianças

menores de dez anos de idade, em busca de compreender sua forma de significar o mundo.

BIBLIOGRAFIA

CERTEAU, Michel. 1980. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, 3ª ed. Editora Vozes, 1998.

GIBSON, James Jerome. **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

HALL, Edward T. - **A Dimensão Oculta**. Lisboa: Relógio D'Água, 1986.

HANNERZ, Ulf. 1980. **Explorando a cidade**: Em busca de uma Antropologia Urbana; tradução de Vera Jocelyne – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015

INGOLD, Tim. 2000. **The perception of the ambience**. Essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, Taylor & Francis e-Library, 2002.

_____. 2011. A Cultura no chão: o mundo percebido através dos pés. In: **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015. pp. 70 a 94.

MAGNANI, José Guilherme, TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópoli**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, Fapesb, 1996.

MARCELIN, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 5, n. 2, p. 31-60, Oct. 1999

MONTOITO, Rafael e LEIVAS, José C. P. **A representação do espaço na criança, segundo Piaget**: Os processos mentais que a conduzem à formação da noção do espaço euclidiano. Revista VIDYA, v. 32, n. 2, p.21-35, jul./dez., 2012 - Santa Maria, 2012.

MOURA, Cristina Patriota de. **Condomínios no Brasil Central**. Brasília: Letras Livres, 2012. (Introdução e capítulos: "Visões do paraíso", "Grandes Muralhas" e "Novo Mundo")

PACHECO, E. D.; DE VASCONCELOS, P. A. C. **Crise: espaço e representação**. Bocc, ISSN: 1646- 3137. Disponível em: <www.bocc.uff.br/pag/vasconcelos-paulo-crise-espaco.pdf> Acesso em: 05 ago. 2016.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **"A maior zoeira"**: experiências juvenis na periferia de São Paulo. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social. 2010.

PIAGET, J., & INHELDER, B. (1993). **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

RASMUSSEN, Kim. Places for Children - Children's places. In. **Childhood**, London, Thousand Oaks and New Delhi, v. 11, n. 2, p. 155-173, 2004.